

A PROBLEMATIZAÇÃO DA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NO CONTEXTO DO CAPITALISMO UNIVERSITÁRIO

Eliana Curvelo RODRIGUES¹
Sonia Maria Duarte GREGO²
Maria José ROMANATTO³

RESUMO: O meio acadêmico universitário encontra-se em metamorfose, na possibilidade de sua recriação perante a revolução do conhecimento em pleno século XXI. Sua estrutura, fundamentada por um modelo de ciência, apresenta-se fragilizada por não romper a estagnação em um mundo que inaugura fronteiras de incertezas para todos os partícipes da humanidade. Decorrente dessa percepção, o presente texto procurará entender como a globalização fragiliza a força de trabalho do docente universitário. Além disso, como o domínio dos grupos hegemônicos derivados da inserção do capitalismo e da globalização enfeudaram-se no meio acadêmico – antes tido como espaço de autonomia, vem transformando o trabalho docente por meio de mecanismos de alienação e doutrinação que disseminam a heteronomia como alternativa para a manutenção de dogmas e, portanto, de certezas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação superior. Globalização. Capitalismo acadêmico. Docência. Trabalho docente.

Introdução

Adentramos a primeira década do século XXI com mudanças significativas e estruturais nos processos de produção e apropriação do conhecimento e, conseqüentemente, das estruturas sociais previstas por diversos autores como Bauman (1999, 2005, 2008), Charlot (2005), Coelho (2005), Demo (2009), Giddens (2007), Habermas (2002), Nunes (2005), Santos (2005, 2010) e Tedesco (2007), que prenunciavam a necessidade da mudança de paradigmas da ciência. As transformações na natureza, na economia e nos meios de cultura afetaram, sobretudo, as certezas do discurso acadêmico. Os saberes produzidos e disseminados no âmbito da universidade não mais dão conta de seus compromissos sociais perante a sociedade e também não atendem às necessidades formativas dos indivíduos para o mundo do trabalho que se reconfiguram continuamente em diferentes contextos, internos e externos ao espaço acadêmico.

¹ Mestranda em Educação Escolar. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em educação Escolar. Araraquara – São Paulo – Brasil. 14800-901 - eliana@fca.unesp.br

² UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Didática. Araraquara – São Paulo – Brasil. 14800-901 - smdgrego@vivax.com.br

³ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Ciências da Educação. Araraquara – São Paulo – Brasil. 14800-901 - maze@fclar.unesp.br

Essa constatação se deve à perda de sua identidade enquanto instituição e espaço único de saber. Confrontada com os parâmetros da economia mundializada, impostos a partir da década de 1960, a universidade teve seus espaços reestruturados em uma organização com multiplicidade de funções contraditórias (formação humanística e profissional de alto nível *versus* formação técnica a serviço do mercado), levando-a a uma crise existencial. Crise esta que a coloca sob a crítica da sociedade e impõe a busca de alternativas por meio de uma reflexão criativa sobre sua identidade.

Segundo Santos (2010), o mundo acadêmico seria um mundo ilustrado, pertencente à alta cultura, enquanto o mundo do trabalho excluiria o primeiro. O autor demonstra a dicotomia entre o mundo ilustrado e o mundo do trabalho, que passam a ser intercomunicáveis após a década de 1960, sob influência da globalização, cingida principalmente pelos ideais da economia. Tal comunicação significa também transformação no sentido em que:

[...] a educação, que fora inicialmente transmissão de alta cultura, formação de caráter, modo de aculturação e de socialização adequado ao desempenho da direção da sociedade, passou a ser também educação para o trabalho, ensino de conhecimentos utilitários, de aptidões técnicas especializadas capazes de responder aos desafios do desenvolvimento tecnológico no espaço da produção. Por seu lado, o trabalho, que fora inicialmente desempenho de força física no manuseio dos meios de produção, passou a ser também trabalho intelectual, qualificado, produto de uma formação profissional mais ou menos prolongada. A educação cindiu-se entre a cultura geral e a formação profissional e o trabalho, entre o trabalho não qualificado e o trabalho qualificado. (SANTOS, 2010, p.196).

Esta compatibilização entre uma educação humanística e uma formação profissional permitiu durante algum tempo um tradicionalismo universitário, mesmo nesse mundo tecnológico de mudanças constantes (SANTOS, 2005). A universidade foi perdendo seu espaço institucional em lugar de um modelo organizacional. Sua identidade subsumida ao discurso da produtividade enfraqueceu as possibilidades de compreensão e de intervenção sobre as formas em que os ideais de globalização foram subvertendo o trabalho intelectual acadêmico, da mesma forma como submeteu o trabalho manufaturado, fragilizando a história e a memória da universidade.

A universidade percebeu-se fragilizada pela perda gradativa da formação crítica e investigativa, com o privilegiamento da formação técnica atrelada ao mercado. Independentemente do curso escolhido, diluem-se as experiências pedagógicas motivadoras

que propiciem cultivar o saber de forma crítica e de superação, permitindo as transformações necessárias ao bem estar humano. Mas a universidade, como reduto do saber, permaneceu estagnada na sua credibilidade científica, reducionista e insensível aos problemas contemporâneos, encastelando-se em uma torre de marfim. Para Santos (2010, p.201), “[...] a exclusividade da universidade na investigação básica, que fora até então pensada como solução e contabilizada como benefício, passou a ser pensada como problema e contabilizada como custo”.

Este acontecimento deveu-se por um lado à constituição de empresas com centros de pesquisa, por outro lado à criação de institutos de pesquisa pelo Estado, desvinculados dos *vícios* universitários, restando às universidades competir por recursos financeiros para manter sua capacidade investigativa. Instituíram-se, ainda, formas de controle na ótica capitalista, instaurando mecanismos de valorização e premiação por produtividade. Assim, a universidade acaba por tentar se moldar a imperativos capitalistas que são inseridos como justificativa para sua sobrevivência.

Seja por conta desses imperativos que se colocam no espaço acadêmico ou por conta dos desafios impostos à ciência, o fato é que urge e é mister que a universidade se mobilize para repensar no que ela se tornou e refletir e apreender disto o sentido e o significado de seu papel e pertencimento na sociedade. Essa reflexão, no entanto, necessita embasar-se na crença de que dela ainda pode-se esperar o protagonismo para o desenvolvimento de uma profunda revitalização de qualidade humana, enquanto alma e corpo (DEMO, 2009).

Os atores, partícipes da universidade, devem desejar a revitalização ao buscar o encantamento de um protagonismo que se coloca defendendo o conhecimento produzido e pensado em seu interior para promover a qualidade do bem maior do ser humano, que é o cuidar da humanidade, um processo dinâmico e intenso dos indivíduos que, sendo fonte essencial de sua própria existência, pode permitir seu despertar do *sono da razão*. Um sono imposto pela vontade do mercado, do novo capitalismo globalizado, em que somos colocados hipnoticamente a acreditar em verdades que não são suficientes para responder às angústias presentes em nosso mundo, seja do trabalho e ou da vida.

A idéia do sono da razão foi apropriada do título de uma das gravuras da série “Caprichos” do pintor Francisco Goya (1746-1828). A gravura especificamente à qual nos referimos chama-se: “O sono da razão produz monstros”. Nela podemos ver corujas e sombras de morcego sobrevoando o artista adormecido sobre papéis e, ao seu lado, um gato olhando de forma desafiadora. O artista, debruçado sobre seus papéis, parece se esconder dos pássaros, que simbolicamente significam o saber (coruja) e os inimigos da luz (morcego);

quanto ao mamífero (gato), sua posição é a de vigilante e sua permanência estritamente condicionada como que a ter alguma vantagem a receber. Essa imagem foi escolhida para que se possa refletir sobre qual o sentido e o significado da universidade e em que medida os docentes manterão as certezas de suas pesquisas e estudos, cada vez mais colocados à mercê de avaliações, que atuam mais como punições do que como propostas e estratégias para um melhor desempenho de seu trabalho acadêmico.

As imagens nos permitem divagações e momentos de reflexão. São como um espelho que, ao olharmos e nos defrontarmos, possibilita que percebamos a maneira como nos permitimos ser. Elas nos autorizam a desafiar e a não aceitar a irreversibilidade e o cerceamento de um só jeito ou forma de pensar. Possibilitam reverter a influência exercida pelos discursos da razão, que nos colocam num sono imobilizador e sonambulamente nos fazem assumir formas e comportamentos que não podem ter espaço no interior da universidade.

Discursos, entendidos como controle e manutenção do *status quo*, proporcionados por grupos hegemônicos, os quais disseminam através das falas dos partícipes da universidade ações e atitudes que assimilam que o aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver com o outro, apresentados como pilares da educação do século XXI, resumem-se em treinar indivíduos preparados para a inserção no mercado e que apenas este é o papel essencial da universidade.

Considerando que esses discursos influenciam as representações dos docentes no ensino superior, somos levados a questionar a lógica perversa que recobre e cria ares de certezas no ambiente universitário.

Concordamos com a afirmação de Demo (2009, p. 21):

O lado desumano dessa qualidade aparece na subordinação do trabalho às vicissitudes do capital, tomando o mercado o papel de regulador primeiro e último da sociedade. Manter-se empregável, à disposição irrestrita do mercado, é uma ânsia que corrói o sentido da vida, porque este é sucursal do mercado. A ironia é que esta imposição vem embrulhada numa visão pedagógica do aprender a aprender, do saber pensar, da construção de habilidades.

Não se nega e nem é pretensão saber neste momento se os pilares da educação são questionáveis, mas sim se realmente, dentro do discurso da academia, eles são utilizados para mobilizar ou imobilizar a busca por uma metodologia de ensino superior que faça com que os indivíduos transformem a realidade anunciada e a superem por uma nova concepção,

embasada na qualidade, entendida como qualidade humana na prerrogativa de que o homem não pode ser fragmentado, pois a sua essência está no todo. Sendo a essência o todo, a ciência nos aborda com novas fronteiras e desafios, impondo a necessidade de preparar os olhares e percepções, querendo aceitar o convite de ousar e de posicionar-se diante da amplitude advinda da era do conhecimento e das mudanças filosóficas emergenciais deste século.

O temor de ousar em uma realidade de incertezas, na qual não há garantias, causa desconforto porque impõe uma desordem. Não houve tempo para pensar a mudança, ou imaginava-se que ela nunca chegaria tão rápido. Mas, inaugura-se uma era sem fronteiras, sem domínios, sem certezas, e a universidade tem o dever de interagir e de se manifestar perante a sociedade.

Sendo a universidade local e privilégio de criação e de desenvolvimento de saberes, perpetuou-se durante anos a certeza de ser este o espaço legítimo ante a sociedade. Espaço este que necessita aderir a esta nova revolução, onde os conhecimentos proliferam-se por redes e os desafios exigem postura crítica e reflexiva, onde o conhecimento e a capacidade de utilizá-los são fundamentais para uma nova organização social de dimensionamentos sem limites. Os espaços diluíram-se nesta reconfiguração social, os conhecimentos até então gerados e produzidos pela humanidade estão sendo recriados e potencializados através da inteligência artificial e, portanto, é dever da universidade preparar indivíduos que utilizem responsabilmente as tecnologias para não serem dominados por elas.

Problematizar o espaço acadêmico e o tipo de docentes que estão nas universidades, se haverá a manutenção de seus poderes como detentores únicos de saberes, se o sentido e o significado de sua existência serão revistos ou se subsumirão aos discursos mercadológicos por falta de um debate sobre a concepção de homem e de sociedade, são as prerrogativas de aprofundamento deste texto. Concordamos com a assertividade de Santos (2010, p. 201) ao demonstrar a estratificação interna da universidade que, após a década de sessenta, “[...] relaxara os critérios de contratação e de promoção, fazendo entrar pessoas abaixo do nível de excelência e sem motivação para a investigação”.

É uma exposição difícil de constatar, uma vez que todos os partícipes passaram por inúmeras avaliações e titulações que refutariam essa afirmação. No entanto, a partir desta confrontação é que temos o dever de ousar naquilo que pretensamente chamamos de sociedade do futuro acometida por um ritmo acelerado de informações e submetida às lógicas do capital e do mercado, que se insere a necessidade de buscar instrumentos que demonstrem a continuidade da universidade, pensando nela como o espaço que pensa seu passado e projeta seu futuro, sendo o futuro o seu presente.

Propõe-se desenhar por meio deste texto como a globalização insere-se no espaço acadêmico sob o condicionamento de um capitalismo universitário que tem sido um dispositivo de controle do trabalho docente, que acaba perpetuando e reproduzindo o sistema e que não transforma nem a realidade, nem a percepção de seus partícipes, tornando-se ausente de sua importância para a sociedade ao deixar proliferar a idéia de que o conhecimento pelo conhecimento legitima as desigualdades. Desigualdades que intensificam a competição, a insegurança, a flexibilidade, a imprevisibilidade, a impotência, a incompetência e a própria certeza de sua humanidade.

Conhecimento, convenções do saber

Nos últimos trinta anos, houve uma intensificação de todos os meios de produção que transformaram todos os registros e percepções de nossas condições sociais, econômicas, culturais e, conseqüentemente, do papel e modelo de educação. A fragilidade da condição de nossa humanidade nos conduz ao estabelecimento de uma nova ordem, na qual se faz presente o questionamento sobre o que é ser humano neste contexto da era da informação.

Os conhecimentos proliferam-se por redes, enquanto o modelo de educação superior, em muitas instâncias, continua moldado e reproduzido em um modelo cartesiano, disciplinar e fragmentado. Pretensamente, esse é um modelo normalizador de ensino que se assenta na universidade. De acordo com Nunes (apud SANTOS, 2005), dessa afirmação observam-se desdobramentos em conjuntos de teorias especializadas, agrupadas por disciplinas e áreas de saber, que nos dotou de conhecimento de predição e redução, garantindo-se as objetividades, de validade e, perpendicularmente, da dicotomia entre o sujeito e o objeto, da epistemologia e da estética. Dessa forma as certezas de conhecimentos necessários à sociedade científica estabelecida desde o século XVII são ainda postuladas como verdades.

Entretanto, em uma era de conhecimentos gerados em diversos ambientes, não mais exclusivos da academia universitária, em que se postula a modernidade e/ou pós-modernidade, cabe-nos observar que, enquanto a universidade busca o seu entendimento e sua ressignificação, a economia induz comportamentos enviesados que mantêm localizados e alienados os partícipes da função primeira da universidade de gerar saberes que transformem a realidade social, ao mesmo tempo em que discutem a interdisciplinaridade como mais um tecnicismo e não como uma nova abordagem de ensino e aprendizagem que favoreça a construção do conhecimento.

Esta obviedade não obstante modula a proliferação e o assentimento do discurso da modernidade, no qual Nunes (2005, p.307) denuncia o *oculacentrismo* como “[...] a centralidade da visão associada aos discursos epistemológicos constitutivos da modernidade, em particular o regime escópico do cartesianismo que subjaz à ciência moderna”. Segundo ele, há a necessidade de uma teoria crítica que nos leve ao desafio de elaborar um projeto de emancipação, onde se revele:

[...] a referida relação entre a dominação e a regulação, por um lado, e a centralidade do olhar, por outro, essa crítica do oculacentrismo, que culmina na obra de Foucault e na sua caracterização do panóptico como a expressão suprema da dominação pelo olhar totalizante, do poder/saber, do poder/disciplinar, alargado às imagens distópicas de uma ‘sociedade da vigilância’, assente nas novas tecnologias da informação – prefigurada no *1984* de Orwell –, não nos surpreenderá que o olhar e a visão tenham sido preteridos em favor do primado da palavra, das possibilidades de uma democracia discursiva e de uma racionalidade comunicativa que encontra na obra de Habermas a sua expressão mais elaborada, enquanto recurso para a prossecução de projetos emancipatórios. (NUNES, 2005, p.307).

Essa atenção à percepção e aos olhares nos conduz a observar como se estabelece no meio acadêmico as mesmas estruturas de expropriação do trabalho, sendo no ambiente acadêmico mais precisamente a expropriação do trabalho cognitivo, que por conta de uma qualidade postergada faz com que o docente universitário tenha que produzir quantitativamente, sem a devida reflexão sobre a sua produção. Aqui nos reportamos às imagens do filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, onde a produção baseada na linha de montagem e na especialização do indivíduo é percebida tal como nos espaços da universidade, com departamentos e áreas de especialização, fazendo com que os indivíduos se isolem pela quantidade de trabalho e assim percam a força do diálogo. Subsumidos por expressões de sociedade do conhecimento e inovações tecnológicas, asseguram o domínio e certificam a produção e a contenção dos saberes produzidos, bem como a divulgação e a utilização dos mesmos segundo as necessidades de hegemonias atuais que se modificam continuamente segundo as prioridades da globalização econômica.

Este é um domínio cultural, posto pela ótica neoliberal, um processo seletivo que torna o conhecimento funcional, como pontua Santos (2005, p.49):

No domínio cultural, o consenso neoliberal é muito seletivo. Os fenômenos culturais só lhe interessam na medida em que se tornam mercadorias que como tal devem seguir o trilho da globalização econômica. Assim, o

consenso diz, sobretudo, respeito aos suportes técnicos e jurídicos da produção e circulação dos produtos das indústrias culturais como, por exemplo, as tecnologias de comunicação e da informação e os direitos de propriedade intelectual.

A produção intelectual fica articulada à sua funcionalidade de acordo com o discurso neoliberal, que impõe regras, assumidas pela universidade, que acaba perdendo ou diminuindo seu espaço como instituição. Descaracteriza-se, fragmenta-se e se reveste do princípio capitalista que é separar para controlar. Os indivíduos pertencentes à universidade não se comunicam, não discutem sobre questões essenciais e existenciais de vida que o espaço acadêmico deve permitir; não debatem sobre a produção do conhecimento articulado às suas funções como cultura por meio de educação com um olhar investigativo, curioso e que permita recriar a própria existência humana. Constata-se, na verdade, um ensino funcional que se resume nas palavras de Coêlho (2005, p.69) e que é perceptível empiricamente no cotidiano do ensino superior:

O ensino fica refém de uma profissionalização míope e enganosa, reduzida à repetição mecânica dos tópicos e aspectos do saber instituído cuja aplicação imediata parece tranquila. O que escapa dessa fúria pragmática e utilitária é por isso mesmo desqualificado, ridicularizado, condenado a aceitar a ajuda e as orientações do mercado, e com ele progredir e se atualizar, em seu interesse e ritmo, ou simplesmente deixar de existir. Enfim, a ênfase na formação profissional tem significado um caminhar no sentido do estreitamento de horizontes e da supervalorização das dimensões práticas e utilitárias da pesquisa, do ensino e da aprendizagem.

Este formato de ensino desenvolve a sensação de uma formação eficaz, baseada em competências e habilidades que afastam a reflexão, impedindo a compreensão do sentido da universalidade, agora submetida ao individualismo acadêmico. Como então se pode dizer de autonomia, de cidadania, de direitos e de democracia quando os espaços são de imediatismo, de individualismo nas práticas e que, conseqüentemente, favorecem, nos indivíduos, comportamentos obsessivos, mercantis, desprendidos de uma qualidade humana e política. Demo (2009, p.20) alerta:

[...] enquanto, de um lado, o mercado exige qualidade formal sempre em ascensão, desconstrução e reconstrução, de outro impede a qualidade política. O trabalhador precisa saber pensar para produzir e competir melhor, mas não a ponto de questionar o sistema produtivo. Qualidade política, razão

de ser da qualidade formal, é escorraçada como anomalia de um trabalhador que apenas trabalha, não pensa, por mais que se exija dele saber pensar.

Tal qualidade formal inserida pela globalização tem ocupado e atingido de forma complexa os ambientes acadêmicos, transformando os diálogos em ditaduras do saber. A produção quantitativa, trabalhos burocráticos, atividades de gestão entre tantas outras têm afastado as relações essenciais da universidade, que são as relações humanas que possibilitam dúvidas e questionamentos da produção dos conhecimentos gerados em encontros onde as vozes são ecoadas como condição da validade do saber humano. É preciso uma compreensão sobre essa diluição, esse afastamento das relações humanas sobre a qual a produção quantitativa é vista como um modelo de capitalismo universitário.

Capitalismo universitário

A qualidade formal tornou-se a segunda pele da universidade, seus partícipes também envolvidos desconsideram qualquer mudança de qualidade do ambiente acadêmico. A produção quantitativa, sob o teor de produtividade, provocou o afastamento do teor de qualidade, levando à perda de referências, de sentidos e de significados sobre o que se escreve, perdendo-se o pensar sobre as realizações dos estudos e das pesquisas. Waters (2006, p.26) descreve como explosão a excessiva produção acadêmica:

Agora é hora de parar e entender o quanto essa explosão é inimiga da vida da mente, porque o ensino e a escrita sérios tiveram de ser postos em posição secundária quando as publicações, por si mesmas, foram glorificadas. Mas, em muitos casos, o que conseguimos foi apenas uma aparência de inovação e crescimento, gerada por efeito de estimulantes. Pelo bem das universidades, estivemos mantendo o fogo aceso em todos os queimadores, e os potes estão fervendo; mas o que estamos cozinhando?

Dessa assertividade buscamos compreender as representações que levam o docente a publicar, sem questionar a que parâmetros as publicações são submetidas e as reais intenções do sentido de sua produção intelectual. A academia, certa de sua coerência e da necessidade de garantir recursos financeiros de agências de fomento, tem, na sua maneira de condução, imposto regras que levam seus docentes a tornarem-se e serem capital humano, regulados pela economia e filiados à competitividade. Assim, estão perdendo a assunção da importância de

sua prática educativa, onde a pesquisa, o ensino e a extensão deveriam estar interligados no ensinar e aprender.

As agências de financiamento controlam as relações entre a universidade e a indústria, e nesta relação perversa nutrem a velocidade e a eficiência em se traduzir o conhecimento científico em produtos e processos utilizáveis na dependência do que é importante segundo a ótica do lucro sobre a produção. Para Santos (2010, p.203), os investigadores:

[...] que aceitam ou promovem o financiamento industrial das suas investigações podem ficar na dependência da empresa financiadora. As remunerações vultosas que recebem e os melhores equipamentos e outras infraestruturas de investigação de que passam a dispor são obtidos à custa da perda de autonomia, de conflitos constantes entre as pressões do curto prazo da empresa e as perspectivas de longo prazo próprias dos critérios científicos de investigação e de inevitáveis cedências na avaliação da maturidade, representatividade ou fiabilidade dos resultados.

Sendo assim, os comportamentos dos docentes, que também são pesquisadores, dão o assentimento de uma ciência que primeiro visa o lucro e não o bem-estar humano. Nesta lógica, continuamos a nos reportar a Santos (2010, p.203) que descreve como se dá esse domínio:

O imaginário universitário é dominado pela ideia de que os avanços de conhecimento científico são propriedade da comunidade científica, ainda que sua autoria possa ser individualizada. A discussão livre dos procedimentos e etapas de investigação e a publicidade dos resultados são consideradas imprescindíveis para sustentar o dinamismo e a competitividade, assente nos ganhos de produtividade. Se as suas concepções se sobrepuserem às da comunidade acadêmica, teremos, em vez da publicidade dos resultados, o secretismo, em vez da discussão enriquecedora, o mutismo sobre tudo o que é verdadeiramente importante no trabalho em curso, em vez da livre circulação, as patentes. As investigações mais interessantes e os dados mais importantes serão mantidos em segredo para não destruir as vantagens competitivas da empresa financiadora e os resultados só serão revelados quando forem patenteados.

Esse formato da universidade que vende seus produtos intelectuais por conta da isenção de responsabilidades do Estado, gradualmente impõe regras que se multiplicam e diluem o trabalho docente. Um formato que distorce o que é instituição, que, fragilizada e sem espaço para reflexões, tenta se adaptar a condições escorchantes, produtivistas e capitalistas.

A universidade se enquadra em modelos de capitalismo sob transformações globais, que sinalizam, atualmente, para o predomínio da lógica de mercado. Segundo Santos (2005, p.77), no:

[...] capitalismo mercantil o mercado é a instituição central; as suas insuficiências são supridas por agências de regulação; o interesse individual e a competição dominam todas as esferas da sociedade; as relações sociais, de mercado e de trabalho, são reguladas pelo direito privado; os mercados de trabalho são extremamente flexíveis; é dada toda a prioridade à inovação tecnológica promovida por diferentes tipos de incentivos e protegida pelo direito de patentes e de propriedade intelectual; são toleradas grandes desigualdades sociais bem como o subinvestimento em bens públicos ou de consumo coletivo (transportes públicos, educação, saúde, etc.).

Um modelo capitalista disseminado nas práticas e percepções, que tem em seu bojo regras da acepção de trabalho individualista e especialista. Seja por conta dos recursos finitos da natureza ou pelas desigualdades trazidas com os ares da globalização, é fato que se redesenha um novo formato social ao qual a universidade tem se preparado timidamente por vivenciar o modelo supracitado, bem como a perda de identidade da instituição e da significação do trabalho docente.

O docente se vê reinventando sua identidade, como professor universitário, onde a pesquisa e o ensino estão desvinculados de sua prática, do seu trabalho. Segundo Colado (2003, p.1062):

Bajo esta perspectiva, es muy relevante observar que el investigado há visto igualmente reinventada su identidad, pues ha sido desprendido de libertad de investigación, perdiendo paulatinamente el control del contenido y organización de su trabajo. Los académicos han ido perdiendo su condición de artesanos del saber para conformarse paulatinamente em engrajes de alguna de las grandes maquinarias que integran las nuevas formas de producción del conocimiento.

A condição de artesãos do trabalho docente é que permite o poder criativo, o pensamento vivo, as reflexões, a alegria, a liberdade, a criação e a autonomia como características da existência e da essência da universidade, horizontes responsáveis pelo desenvolvimento de trabalhos significativos para a sociedade e que por questões históricas tornaram-se dispensáveis. Hoje, o professor encontra-se neste profundo abismo esperando saber qual identidade a universidade assumirá e se continuará a propagar em seu seio a ideia de produção quantitativa sem considerar a qualidade daquilo que se faz artesanalmente.

Para Waters (2006) os produtores do conhecimento devem parar de fazer *fast foods* e passar mais tempo em sua cozinha, produzindo o alimento de saber, com sabor. As pressões sobre quantidade estão gerando angústias sobre o sentido do trabalho docente e a qualidade daquilo que faz. O espaço acadêmico torna-se o local do individualismo, do autoritarismo, do cerceamento em feudos. Utilizando uma expressão não válida em nossa língua portuguesa, a palavra *latear*, como expressão sussurrada nos corredores. Não existem encontros de saber, mas olhares de vigilância sobre a produção numérica do outro, que silenciosamente se mantêm isolamentos para *latearem*.

Para Bauman (1999, p.114):

O isolamento reduz, diminui e comprime a visão do outro: as qualidades e circunstâncias individuais que tendem a se tornar visíveis graças à experiência acumulada do relacionamento diário raramente são vistas quando o intercâmbio define ou é proibido – a caracterização toma então o lugar da intimidade pessoal e as categorias legais que visam a subjugar a disparidade e permitir que seja desconsiderada tornam irrelevante a singularidade das pessoas e dos casos.

O isolamento propicia o controle, como uma anatomia política de múltiplos processos para responder às exigências de conjunturas políticas e sociais, a qual segundo Foucault (2009, p. 138) é um controle que serve para:

[...] estabelecer as presenças e ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar.

Um controle que leva o docente a ser um cientista desapaixonado por aquilo em que supostamente acreditava e lutava e que, sem energias, flexiona-se sob a égide deste mundo globalizado, que, oferecido sob o discurso da importância da comunicação sem fronteiras, ao mesmo tempo traz consigo as desigualdades, as violências, os riscos ambientais e a liquidez dos modelos sociais.

A universidade subsumida em sua produção quantitativa, em um modelo de produção arcaico, é chamada pela sociedade para responder às emergências desses conflitos e refletir a quais condições humanas todos se submeteram. Precisa-se saber se nesse modelo de trabalho

docente, sob o controle de um capitalismo universitário, será possível revitalizar sua existência ou perecer.

A universidade não pode continuar a se manter sob a tutela do capitalismo para avaliar o desempenho de seus partícipes no que se refere ao trabalho cognitivo, individualizando e categorizando seus professores de sucesso e/ou insucesso, criando searas, nichos, feudos, enfim, dividindo, diluindo. Segundo Santos (2005, p.77), em outro modelo, seria possível existir nos espaços acadêmicos o:

[...] capitalismo social democrático [...] assenta na concertação social entre os parceiros sociais, as organizações representativas dos patrões e dos trabalhadores e o Estado; compromissos mutuamente vantajosos que garantam a compatibilidade entre ganhos de competitividade, inovação e produtividade, por um lado, e ganhos salariais e melhoria do nível de vida, por outro; prevalência da justiça social; alto investimento em educação; organização do mercado de trabalho de modo a minimizar a flexibilidade e a promover a qualificação como resposta ao aumento da competitividade e à inovação tecnológica; elevada proteção social contra os riscos; minimização das desigualdades sociais.

Um modelo de capitalismo a ser pensado, em um mundo que se apresenta com recursos finitos e chama a todos os cidadãos para sua responsabilidade em parceria com a universidade, para que juntos possam responder às incertezas e se tornem guardiães da esperança de um mundo possível.

Globalização inserida no meio universitário

O mundo hoje se tornou globalizado, a comunicação expandiu-se através de redes que trazem imagens e informações em tempo real, influenciando culturas, políticas e economias locais. A globalização está presente, há em sua senda a irreversibilidade e é, para muitos, uma forma de felicidade e, para outros, fonte de preocupação.

Preocupação que deve ser desvelada para a compreensão das consequências advindas desse processo, onde as desigualdades se ampliam e as certezas se findam sob o discurso neoliberal de oportunidades para todos, instrução que resume aprendizagens contínuas para execução e não para reflexão, interesses que transformam tudo e todos em mercadorias; dispositivos ideológicos e políticos locais, ao mesmo tempo em que o indivíduo é considerado na dimensão global.

A globalização é um campo de contestação, segundo Santos (2005, p.53):

Se para alguns ela continua a ser considerada como o grande triunfo da racionalidade, de inovação e da liberdade capaz de produzir progresso infinito e abundância ilimitada, para outros ela é anátema, já que no seu bojo transporta a miséria, a marginalização e a exclusão da grande maioria da população mundial, enquanto a retórica do progresso e da abundância se torna em realidade apenas para um clube pequeno de privilegiados.

A universidade tem se limitado a ser e a se sentir considerada no primeiro tipo, enquanto em suas cercanias há ocorrências do segundo tipo. Existem interesses que impedem a universidade de se repensar. Enclausurada, talvez não queira perceber sua impotência para resolver seus problemas locais. A globalização permite esse distanciamento, a comunicação permite que se desenvolva o trabalho ou a pesquisa com o outro lado do mundo sem envolvimento com o meio. Sua produção científica, desligada dos contextos histórico, cultural e social perde sua importância.

Um distanciamento que nos imobiliza e impede tomada de posição se o trabalho continuar em isolamentos, permeados por sombras, como na gravura de Goya já citada, no qual o personagem se esconde atormentado pelos pássaros que simbolicamente é o saber que pode tanto libertar quanto aprisionar.

A universidade encontra-se acometida por sombras da globalização que são como sua segunda pele. Não existe desbridamento sem dor, principalmente quando todo o corpo universitário está revestido dessa pele, seja pelo medo de enfrentamento de suas incertezas ou pelo receio em reaprender a ousar. O que se verifica é uma perpetuação de indagações sobre até quando o comprometimento de nossas ações serão simplesmente falácias, textos de possibilidades e não o embate e/ou combate; o bom combate de ideias fortalecidas coletivamente para o desafio de cuidar para não estagnar, não morrer pelo descuido em não retirar o tecido desvitalizado que sufoca, impermeabiliza o sentido e o significado de pertença da universidade como bem da humanidade.

Considerações

O presente texto não é um desafio, nem uma averiguação, são observações de que existem possibilidades de mudanças, já propostas por autores e pesquisadores com maior aprofundamento e proposições destes questionamentos. A emergência já está posta há mais de uma década, se demormos a encaminhar a universidade para a urgência, fatalmente a

Universidade morrerá. Ou melhor, morrerá o sentido, o significado e o ideal de universidade. O nome universidade, já adaptado e identificado como produto, se manterá em um imaginário longe de um contexto histórico, político e cultural, mas muito próximo de um modelo de controle sob a ideia perversa de uma globalização e de um capitalismo universitário que produza conhecimentos, milhares, para a apropriação da economia globalizada.

Para finalizar, uma última reflexão advinda da observação de um afresco intitulado “Saturno devorando seu filho”, sem data, do artista Francisco Goya. A imagem que apresenta Saturno (Chronnus), deus mitológico, como um gigante envelhecido que toma seu filho pelas mãos e devora-o em sua forma adulta, mutilando braços e cabeça. Saturno, em nome do poder, sacrifica seus filhos de forma canibalesca, sendo ele também o senhor do tempo e de tudo o que existe. Ele controla a existência e a permanência de cada um e de todos, ninguém desafia a sua conduta violenta, pois ninguém escapa de seu poder.

A Globalização talvez seja o Chronnus contemporâneo, arrancando e se apropriando das ideias dos indivíduos que compõem a universidade, mobilizando uma multiplicação dos conhecimentos que a universidade já não encontra tempo para se apropriar de forma satisfatória. Tais conhecimentos, parciais e relativos, ofuscam e oprimem o prazer do saber ao obrigar uma produção quantitativa desqualificada das experiências de vida, e que permite uma permanência de uma universidade alienada desde que simplesmente responda e não desafie o poder da economia.

Como uma esperança última, ainda que utópica, acreditar que em algum momento os indivíduos, atores da universidade, possam assumir o arquétipo da personagem Réia, esposa de Chronnus, que desafia seu poder e lhe entrega uma pedra no lugar de seu filho. É desta esperança que os docentes do Ensino Superior assumam seu protagonismo e se libertem do capitalismo acadêmico ao compreenderem que o pensar da universidade deve ser como Waters (2006, p.90) define tão bem: “Pensar é como caçar borboletas, não como ver uma tempestade de relâmpagos”.

Caçar borboletas, com cuidado e delicadamente, como transformar o pensar em conhecimentos que sejam distribuídos e apropriados pela comunidade humana de forma responsável e amorosamente, afinal, todo conhecimento é uma forma de poder.

THE PROBLEM OF THE UNIVERSITY TEACHING IN THE UNIVERSITY CAPITALISM CONTEXT

ABSTRACT: The university environment is in metamorphosis, in a possibility of its recreation in the presence of a knowledge revolution at full XXI century. Its structure, based at a science model, presents itself undermined by not breaking the stagnation in a world that inaugurates boundaries of uncertainty for all humanity participants. From that perception, this work intend to understand how the globalization has been reduced the workforce of the university teacher. Moreover, how the hegemonic groups, derived from insertion of capitalism and globalization, root themselves in the academic environment – before considered a space of autonomy – is transforming the teaching profession through mechanisms of alienation and doctrinairism that disseminate the heteronomy as alternative for maintenance of dogmas and, therefore, certainties.

KEYWORDS: Higher education. Globalization. Academic capitalism. Teaching profession.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Medo Líquido**. Tradução de C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Identidade**. Tradução de C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de M. Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação de hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

COÊLHO, I. M. A universidade, o saber e o ensino em questão. In: VEIGA, I. P. A.; M. L. P. NAVES. **Currículo e avaliação na educação superior**. Araraquara: Junqueira e Marin, 2005. p.53-77.

COLADO, E. I. Capitalismo académico y globalización: la universidad reinventada. **Educación e Sociedade**, Campinas, v.24, n.84, p.1059-1067, set. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000300017&lng=en&nrm=isso>. Acesso em: 31 mar. 2010.

DEMO, P. **Qualidade humana**. Campinas: Armazém do Ipê, 2009

FOCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GIDDENS, A. **O debate global sobre a terceira via**. Tradução de R. M. Santos. São Paulo: Ed. da UNESP, 2007.

HABERMAS, J. **A inclusão do outro**: estudos de teoria política. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NUNES, J. A. Teoria crítica, cultura e ciência: o(s) espaço(s) e o(s) conhecimento(s) da globalização. In: SANTOS, B. S. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p.301-344.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, B. S. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. Tradução de O. Nunes. São Paulo: Ática, 2007.

WATERS, L. **Inimigos da esperança**: publicar, perecer e o eclipse da erudição. Tradução de L. H. A. Dutra. São Paulo: Ed. da Unesp, 2006.